



Resenha

Novas Perspectivas da Fenomenologia

Resenha de *Verdade Emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais*, de Alice Holzhey-Kunz

DOI: 10.12957/ek.2022.65444

Susiane Kreibich¹

Universidade Federal de Santa Maria

susikreibich@gmail.com

RESENHA DO LIVRO:

HOLZHEY-KUNZ, Alice. *Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais*. [Tradução, introdução e notas Marco Casanova]. 1. ed. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2021. 240 p.

No livro *Verdade emocional: conteúdo filosófico das experiências emocionais*, lançado recentemente, Alice Holzhey-Kunz se volta à discussão de experiências emocionais do ser humano que antecedem e são a base da compreensão. O argumento central é que há emoções que revelam uma verdade que não pode ser acessada por vias cognitiva ou teórica, mas somente a partir de experiências puramente emocionais. É teoricamente fundamentado, principalmente, a partir dos pensamentos de Kierkegaard, de Heidegger e de Sartre, e possui uma ligação central entre filosofia e psicopatologia, uma vez que a autora alia sua atividade psicoterapêutica às suas reflexões filosóficas.

Perpassa a obra as distinções entre os âmbitos ôntico, âmbito da vida cotidiana; e ontológico, âmbito que pertence à *conditio* humana, ao ser enquanto tal; de modo que emoções podem ser ônticas ou ontológicas, distinguindo-se naquilo que revelam para o ser humano. As emoções ontológicas possibilitam experiências emocionais que revelam a verdade constitutiva da existência, são experiências emocionais de condições ontológicas humanas. O ser humano possui, portanto, uma ligação primariamente emocional com o próprio ser.

¹ Licenciada em Filosofia e mestre em Ciência Humanas; ambos pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim. Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria.

A obra é dividida em três partes, nas quais há o tratamento de nove emoções: 1) angústia, culpa e vergonha; 2) nojo, inveja e desespero; 3) amor, confiança e simpatia. Na primeira parte, Holzhey-Kunz trata angústia, culpa e vergonha como a tríade de sentimentos fundamentais que revelam uma verdade emocional sobre o ser em sua pura facticidade. O ponto central de cada capítulo é apresentar como se dá a experiência emocional desses sentimentos originários.

A angústia (*Angst*), experiência ontológica, diferentemente do temor (*Furcht*) ôntico, cujo objeto é um ente no mundo, é a experiência emocional diante de “nada”: 1) ante a nulidade do próprio si mesmo, o qual não é uma entidade substancial, mas uma autorrelação, um si mesmo que existe como uma relação consigo mesmo (eu e mim) e que possui uma cesura que é a base para toda e qualquer experiência de si; 2) ante a nulidade da própria liberdade, a qual sempre se dá em uma situação, é liberdade de escolha que impõe renúncia e culpa por poder se revelar equivocada, e que impõe a necessidade de precisar escolher por si mesmo incessantemente; e 3) ante a própria morte sempre presente, que pode estabelecer um fim a qualquer tempo.

A culpa é a experiência emocional ligada à escolha, uma vez que 1) em cada possibilidade escolhida há outras recusadas; e 2) cada ser humano se autooutorga a escolher. Por ser a escolha a dimensão do possível e a ação o “salto” para o efetivo, há culpa em toda ação, já que agir é um ato de liberdade e a autooutorga desperta uma angústia de culpa; além de culpa pelas consequências qualitativas de toda e qualquer ação. A experiência emocional da culpa se dá pelo caráter de jogado (*Geworfenheit*) do ser humano, sem um fundamento, de modo a ser culpado pela pura assunção da própria vida em um mundo já povoado por outros.

A vergonha, por sua vez, é a experiência emocional de se estar exposto ao olhar do outro de uma forma incontornável. O outro consegue ver a partir de um ponto de vista que revela coisas sobre si mesmo que ainda não haviam sido notadas. A vergonha possui uma forma tripla: 1) sentimento de si (de mim); 2) sentimento social (para os outros); 3) sentimento valorativo (como); e revela a verdade ontológica de que os seres humanos se encontram, originariamente, sob o olhar uns dos outros. Nos revela que somos, enquanto seres humanos, profundamente para outros.

Nesta primeira parte, a autora também apresenta como se dá a “fuga” das experiências emocionais fundamentais e como a cultura oferece proteção, colocando à

disposição mitos religiosos e rituais para a desoneração do ser humano. Ter uma escuta particularmente aguçada² para a verdade existencial e não participar da “fuga” das experiências emocionais pode gerar sofrimento psíquico e sintomas patológicos.

Na segunda parte, Holzhey-Kunz trata nojo, inveja e desespero como três negações elementares que contêm um não emocional como resposta à condição ontológica humana. O ponto central de cada capítulo é apresentar como essas três negações respondem de maneira puramente emocional à verdade do existir revelada pela tríade de sentimentos originários.

O nojo é uma experiência emocional da decrepitude, cujo objeto é a podridão enquanto tal. O nojo ôntico-ontológico diante de algo orgânico em decomposição é um não à verdade ontológica da condição corpórea humana: somos carne, um corpo vivo que é objeto de um futuro apodrecimento. O nojo não se volta apenas para o objeto externo que enjoa, mas ao mesmo tempo para o sujeito que se enjoa, uma vez que este reconhece a si naquele objeto como uma essência corporal que está determinada ao apodrecimento. Assim, o nojo é uma experiência ontológica de si mesmo que revela que o nosso corpo, enquanto carne, irá se decompor, e com isso, o sentido mortal da vida humana. O nojo é uma resposta negadora à experiência estrutural de sermos constituídos a partir de carne fadada ao apodrecimento. O nojo existencial, por sua vez, se constitui como uma negação do ser de mundo e de si mesmo em sua ausência de sentido e de fundamento.

A inveja é uma experiência emocional de resposta negativa ao privilégio do outro. Assim como a vergonha, a inveja possui uma relação originária com o outro, mas como forte negação, sendo um levante emocional contra uma injustiça emocionalmente sentida. Tem como elementos o sentimento social, o sentimento de comparação e o sentimento de prejuízo próprio. A inveja é uma resposta emocional primária à experiência de uma impotência própria ante uma distribuição desigual em favor dos outros. De modo que a inveja se dá a partir do desejo, há, anteriormente, o desejo ontológico pelo ser que pertence ao ser humano, um desejo de alcançar a totalidade. A inveja se desdobra em

² Cf. nota 18, p. 43, este conceito é tratado em detalhe em HOLZHEY-KUNZ, Alice. *Daseinsanalyse. O olhar filosófico-existencial para o sofrimento psíquico e sua terapia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016, pp.139-150. Porém, de maneira breve, seres humanos dotados de uma escuta particularmente aguçada são aqueles que são abertos demais para uma verdade fundamental que nos pertence enquanto seres humanos e que nos sobrecarrega.

inveja autônoma e inveja mimética. A inveja autônoma é o não contra uma injustiça concreta que encerra um não ontológico contra uma injustiça fundamental que está estabelecida na *conditio humana*: ser jogado enquanto indivíduo para o interior de um determinado mundo que pode ser casualmente melhor ou pior, e que, com isso, nos prejudica individualmente. A inveja mimética tem em seu não um sentido ontológico que se dirige contra a exigência ontológica de ser jogado enquanto ser humano em condições ontológicas nulas que fazem com que fracassem toda aspiração por totalidade.

O desespero também é uma resposta negativa à *conditio humana*, mas sua ligação se dá com o querer, e resulta em desespero ativo, querer desesperado ou não-querer desesperado; e desespero passivo, sentir-se desesperado na totalidade ou desesperadamente não querer ser si mesmo. O desespero ativo como vontade desesperada de autofundamentação possui um não desesperado contra o si mesmo terreno e contra o si mesmo eterno. O primeiro diz respeito ao não querer ser aquele que se é no mundo, i.e., ser casualmente assim e não de outro modo, ao invés de poder determinar a si mesmo quem se é. Há uma vontade desesperada de autoinvenção. Já o segundo, diz respeito à negação de existir enquanto ser humano de maneira sem fundamento, com seu caráter de jogado, de modo que ninguém pode estabelecer o fundamento da existência.

Por fim, na terceira parte, Holzhey-Kunz trata amor, confiança e simpatia, três sentimentos positivos, como respostas à verdade do existir. Nesta última parte, o ponto central de cada capítulo é apresentar como amor e confiança servem de proteção existencial para a vida cotidiana, embora de maneira ilusória. A simpatia, por sua vez, é tratada a partir de sua posição particular, como terapeuta.

O amor, por um lado, possibilita superar a angústia, redimindo da radical singularização através do par amoroso “nós”. Por outro, é uma reação fundamental ao ser-para-o-outro, e uma vez que amar significa querer que o outro nos ame, limitando voluntariamente o seu olhar para nós, tem a função de aprisionar esse olhar de modo que angústia e vergonha se tornem obsoletas. Ao ser amado, a visão do outro deixa de ser uma ameaça e se torna uma segurança. O amor tem a função ontológica de justificar a facticidade por meio do amor daquele que ama, protegendo por meio de uma ilusão ante a verdade existencial. O desejo sexual, por sua vez, se dirige ao outro como um todo, como objeto transcendente, e desvela o corpo como carne, como mera facticidade, mas não provocando repulsa como o nojo, e, por isso, se encontra em um plano diverso da

existência. O desejo sexual consegue realizar o desejo ontológico por ser-com-outro ser humano, livre de vergonha e nojo.

A confiança se desmembra em: confiança pessoal, confiança hermenêutica na compreensão e confiança no sentido. Os três tipos têm função de proteção, e para tanto, o ser humano lhes atribui uma potência que a própria confiança não possui, há confiança na própria confiança. A confiança pessoal envolve um adiantamento de confiança, na medida em que se ousa confiar, esquecendo-se o risco. De modo que há valorização social da confiança, idealizando-a como sentimento originário, a confiança passa a ter a força para proteger contra a irrupção da angústia no cotidiano. A confiança hermenêutica na compreensão se dá graças à confiança inquestionável em uma compreensibilidade principal de todos. Se confia na própria capacidade de compreender e que compreender é capaz de verdade e de abrir o acesso à realidade. A confiança no sentido diz respeito ao sentido de vida como um todo, por isso, o sentido é normativo. Por um lado, a confiança está ligada à possibilidade de cada indivíduo encontrar para si o seu sentido de vida, de autorrealizar-se. Por outro, a confiança de que o ser humano é afirmado pelo ser, possuindo um fundamento ontológico sustentador, no qual está abrigado e suspenso enquanto ser humano.

A simpatia, como dito anteriormente, é tratada a partir do ponto de vista da autora como terapeuta. Por isso, é entendida como o sentimento despertado nela pelos seus pacientes. A simpatia surge por si mesma quando se possui uma escuta atenta com um ouvido filosófico àqueles que possuem uma escuta particularmente aguçada para a verdade ontológica do existir. Essa escuta, por um lado é um dom indesejado que os transforma em filósofos contra a vontade; por outro, desperta interesse por aquilo que a angústia desentranha sobre eles mesmos. A simpatia autêntica proporciona o saber sobre o destino comum de ser um ser humano, pois o terapeuta reconhece a si mesmo, enquanto ser humano, naquilo que o paciente conta sobre si: é comum a todos precisar levar a vida sob as condições ontológicas de ser um ser humano. A simpatia é a irmã ontológica da empatia. Esta, por sua vez, possibilita a compreensão do eu-alheio de outras pessoas. Ambas, conjuntamente, possibilitam um vínculo particular com o paciente, através do qual o terapeuta se entende como seu parceiro de destino.

A obra apresenta uma profunda reflexão sobre a *conditio* humana em sua pura facticidade e mostra como essa condição existencial reverbera no âmbito ôntico, na vida

cotidiana, na cultura e como sofrimento psíquico. Este, discutido com cuidado e sensibilidade. O mais interessante é que as emoções humanas entram em voga não apenas como fundamentalmente estruturantes da compreensão humana, mas como possibilitadoras de acesso à uma verdade não alcançada pelas vias cognitivas ou teóricas. Com seu caráter interdisciplinar, abre possibilidades de inúmeras reflexões sobre o ser humano em suas diversas perspectivas. As ciências humanas recebem uma excelente contribuição com a belíssima obra de Alice Holzhey-Kunz.

Recebido em: 16/02/2022 | Aprovado em: 28/07/2022

